

# Clube de Paris reescalona dívida

O GLOBO Quinta-feira, 22/ 1/ 87

ECONOMIA • 21

## até junho de 87

ANY BOURRIER  
Correspondente

PARIS — O acordo assinado ontem à tarde entre o Brasil e seus credores do Clube de Paris permite que sejam reescalonados os débitos de 85 e 86, principal e juros, com prazo de seis anos e três de carência, totalizando US\$ 3,274 bilhões. Os juros de mora deste período — durante o qual o Brasil não cumpriu ou cumpriu parcialmente seus compromissos — também foram reescalonados e atingem a quantia de US\$ 348 milhões, reembolsáveis em três parcelas semestrais, a partir de 30 de junho de 1988. O acordo prevê também o reescalonamento do principal devido no primeiro semestre de 1987, que totaliza US\$ 500 milhões (e não 450 como noticiado anteriormente), sempre com seis anos de prazo e três de carência. O total do reescalonamento foi de US\$ 4,132 bilhões.

Os dois dados mais importantes da negociação — que Alvaro de Alencar considera um sucesso, mas que os analistas e observadores contestam — foram o fato de que o Clube de Paris aceitou a posição brasileira de dispensar o monitoramento prévio do FMI e considerou suficiente o esquema de relacionamento do país com o Fundo, baseado em visitas bi-

anuais e contatos em alto nível, que Alencar qualifica de *enchanted contacts*. Porém, o Clube de Paris impôs algumas condições, no que diz respeito às futuras negociações: “o Brasil deve continuar utilizando este mecanismo com o FMI e, em segundo lugar, o Clube quer ser informado pelo FMI dos resultados das negociações com os bancos comerciais”, conforme declarou o Ministro. O segundo item importante da negociação foi o fato de que o Brasil conseguiu parte do que queria, isto é, reescalonar metade dos débitos de 87. Só que na opinião dos analistas, foi uma vitória de pirro, uma vez que queria reescalonar um ano (o México conseguiu 18 meses) e pedia os mesmos prazos concedidos ao Governo mexicano, ou seja sete anos, o que não lhe foi dado. Como o Clube de Paris concordou em deixar o Brasil por mais seis meses em “fase de observação”, para ver se o aluno se comporta bem e tira notas melhores, o importante agora é reequilibrar a balança comercial. Alvaro de Alencar acredita que se os fatores externos — protecionismo, flutuações cambiais etc. — não vierem alterar os efeitos dos reajustamentos do Plano Cruzado, isto será possível, embora não saiba qual o prazo. Ele enfatizou a conjuntura internacional e foi prudente ao falar das dificuldades

internas, embora concordasse que o Governo precisa diminuir a demanda interna para dinamizar as exportações. Previu até um excedente de US\$ 10,2 bilhões este ano.

Outro dado importante é que o Brasil vai pegar novos créditos depois do acordo com o Clube de Paris. — Estava decidido desde a reunião de 15 de dezembro que, a partir da assinatura deste acordo, as agências oficiais de crédito iriam reestabelecer os créditos de exportação para o Brasil — afirmou o embaixador.

Interrogado sobre como o Brasil vai fechar suas contas externas neste ano, apesar da queda das reservas e déficit da balança comercial, Alencar disse que as agências oficiais estão interessadas no co-financiamento e citou, obviamente, o Banco Mundial e o BID, os quais, em sua opinião, poderiam ajudar a aumentar os empréstimos à disposição do Brasil em 87.

A questão dos juros ainda não foi abordada, porque será discutida caso por caso com os 16 credores. As negociações serão feitas entre o Banco Central, os tesouros destes países e, eventualmente, quando se tratar de créditos bancários garantidos pelos governos, com o banco líder do financiamento. Alencar quis esclarecer quais são as reivindicações espe-

cíficas do Brasil quanto às taxas de juros, mas disse que “queremos que diminuam, claro”. Apesar de não conseguir os prazos que queria nem o reescalonamento total pleiteado, insistiu no fato de que “está satisfeito e que, em conjunto, o acordo foi conveniente para o Brasil”. Em agosto de 1987, o Brasil vai voltar a negociar com o Clube de Paris. São US\$ 700 milhões (principal e juros do segundo semestre deste ano) mais US\$ 1,296 bilhões de anos atrasados, que foram reescalonados em 1983 e que precisam ser pagos porque o Clube de Paris não reescalona duas vezes. Ao todo, são quase US\$ 2 bilhões (mais precisamente US\$ 1,996 bi) que faltam para ficar em dia com 1987, excluindo-se deste total, os US\$ 500 milhões do primeiro semestre de 87 que foram reescalonados desta vez.

A tese dos analistas e observadores é que não há vencedor nem vencido. Ou seja, ninguém ganhou, ninguém perdeu, o Brasil não conseguiu exatamente o que queria e o Clube de Paris também fez concessões, abrindo a primeira exceção em sua história no que diz respeito ao papel do FMI. Em agosto, veremos que notas os professores vão dar a este aluno turbulento mas que são obrigados a respeitar “para não entornar o caldo”.